

AS RELAÇÕES HUMANAS E O COTIDIANO PRIVADO: A CORRUPÇÃO SOCIAL – UMA PERSPECTIVA DA GESTÃO EMPRESARIAL NO ÂMBITO DA OBRA REVOLUÇÃO DOS BICHOS DE GEORGE ORWELL

THE HUMAN RELATIONSHIPS AND THE PRIVATE DAILY: SOCIAL CORRUPTION – A PERSPECTIVE OF BUSINESS MANAGEMENT IN THE RANGE OF THE ANIMAL FARM, BY GEORGE ORWELL

Marcio Tadeu Girotti*

RESUMO

Trata-se de analisar a obra *Revolução dos Bichos* de George Orwell pela perspectiva de interpretação dos filósofos Maquiavel, Hobbes e Rousseau tendo em vista a formação do administrador de empresas dentro do âmbito da organização e competição de mercado.

Palavras-chave: Administração. Liderança. Sucesso. Fracasso. Política.

ABSTRACT

We analyze George Orwell's *Animal Farm* from the interpretation of Machiavelli, Hobbes and Rousseau aiming at contributing for the professional improvement of business administrators in the range of the organization and market competition.

Keywords: Management. Conduct. Success. Failure. Politics.

Introdução

A Administração de empresas está fundamentada sob leis e regras estabelecidas dentro do âmbito do Estado e das Corporações, bem como no âmbito do Mercado de Negócios e das disputas comerciais.

Nesse sentido, para ultrapassar o senso comum e atingir um rigor crítico, para a análise das estratégias de mercado e estabelecimento de metas ou mesmo esquemas de organização dentro de um mundo globalizado e competitivo, os gestores podem recorrer à Filosofia, aos fundamentos filosóficos de grandes pensadores, a fim de buscar critérios para estabelecer os regulamentos necessários para sua estratégia de mercado.

* Professor da Faculdade de Tecnologia, Ciências e Educação – FATECE (Pirassununga/SP). Mestre e Graduado em Filosofia pela Unesp (Marília/SP) e Doutorando em Filosofia pela UFSCar (São Carlos/SP). girotti_mtg@hotmail.com

Com isso, recorreremos à obra *A Revolução dos Bichos* de George Orwell como um livro de extrema importância para entendermos o funcionamento de sociedades comandadas por diferentes tipos de governo, além de mostrar de forma genial a ambição do ser humano, o "sonho do poder". Considerando que a competição econômica leva as organizações a compreender o fundamento de suas estratégias, os mecanismos da cooperação, a competição, a produção e o trabalho, algo que pode conduzir à busca pela crítica filosófica passando ao pensamento dos próprios pensadores da Administração, como Frederick Taylor¹.

Dentro de uma leitura interpretativa da obra de Orwell, procuraremos elucidar o pensamento de três filósofos que trazem em suas filosofias o pensamento político social. De um lado, Nicolau Maquiavel (1469-1527), filósofo italiano que escreve a obra “O Príncipe” como um manual para o comando do Estado, com sua célebre frase “Os fins justificam os meios”, o que se tornou um lema para os grandes governantes no sentido da manutenção do poder. Por outro lado, temos Thomas Hobbes (1588-1679) e Jean-Jaques Rousseau (1712-1778), dois filósofos contratualistas que estabelecem a possibilidade de um Pacto Social, um acordo, uma convenção entre os indivíduos que devem, segundo Hobbes, formar uma sociedade tendo em vista que o “Homem nasce mau e a sociedade o conserta”, no sentido de que o homem em seu estado de Natureza é mau. Para Hobbes, filósofo inglês, o “homem é o lobo do homem”, e vive em constante “guerra de todos contra todos” em seu estado de natureza, precisando de uma sociedade para viver em paz e harmonia. Já para Rousseau, filósofo francês, o pai do Iluminismo da França (1789), o “homem é bom por natureza e a sociedade o corrompe”, ou seja, o homem em seu estado natural é bom, possui uma liberdade natural, ao passo que em sociedade o mesmo está dentro de uma liberdade civil regida por leis, que o faz corromper-se quando o mesmo atinge o poder, a soberania.

Tendo em vista a posição filosófica destes três filósofos, iremos analisar a obra “A Revolução dos Bichos” partindo de uma perspectiva de interpretação que considera esta obra, literária e metafórica, como um grande guia para a formação do Gestor, uma vez que a obra de Orwell apresenta uma perspectiva de liderança e poder que conduz o enredo da história para uma via que mostra, ao mesmo tempo, o sucesso e o fracasso da Revolução e tomada de poder, anunciando uma revolução traída.

¹ Frederick Winslow Taylor (1856-1915) é conhecido como o “pai da administração”, tendo como influência o método cartesiano de René Descartes (1596-1650), filósofo francês. Taylor tinha como foco a eficiência operacional no âmbito da administração industrial.

Para tanto, é preciso compreender o contexto da obra para, depois, comparar seus aspectos ao contexto filosófico de nossos três filósofos. Com isso, na primeira parte desta investigação iremos esclarecer a obra de George Orwell, tendo na segunda parte a primeira perspectiva de interpretação da obra, com Maquiavel. Na terceira parte, iremos compreender o ponto de vista a partir de Rousseau, para, na quarta parte, apresentar a filosofia de Hobbes. Por fim, apontar os resultados da obra para o caminho da formação do Gestor.

1 A Revolução dos Bichos: apresentação

A obra “A Revolução dos Bichos” foi escrita em 1945 por Eric Blair (pseudônimo: George Orwell), jornalista, escritor e crítico inglês, que mostra uma crítica ao totalitarismo em meados do século XX, uma crítica em nome da liberdade.

George Orwell escreve a obra em forma de Metáfora, mostrando a história de um grupo de animais que viviam num regime de trabalho escravo comandado pelo homem. Na obra, o autor procura apontar as características de um trabalho forçado para benefício de um tirano, caminhando para uma revolta dos animais contra o Dono da Granja.

De modo geral, a obra apresenta a vida dos animais da Granja do Solar, que revoltados com o trabalho forçado e maus tratos, se organizam e expulsam o proprietário da Granja, o Sr. Jones. Com a tomada do poder da Granja, os bichos dominam a terra e reorganizam as funções de cada bicho, organizando uma nova ordem: cada bicho é um ‘camarada’ e todas as ações visam o bem comum, mas a rebeldia dos líderes tornar-se-á ambição, a revolução passará da vitória ao espírito de dominação. Portanto, a revolta dos animais irá se tornar uma revolução traída.

No começo da obra, o autor conta a história do Porco Major, o mais velho dos animais da Granja, que tem um sonho em que vê o mundo sem o homem. Ele reúne todos os animais para contar o sonho e mostrar a eles o sentimento de revolta contra a situação atual dos bichos.

Então, camaradas, qual é a natureza desta nossa vida? Enfrentemos a realidade: nossa vida é miserável, trabalhosa e curta. Nascemos, recebemos o mínimo de alimento necessário para continuar respirando, e os que podem trabalhar são exigidos até a última parcela de suas forças; no instante em que nossa utilidade acaba, trucidam-nos com hedionda crueldade. [...] Nenhum animal [...] é livre. A vida do animal é feita de miséria e escravidão, essa é a verdade, nua e crua. (ORWELL, 2002, p. 10).

O autor nos coloca na situação de compreender que o homem é um ser que consome sem produzir, que explora os animais, que vende o leite das vacas, os ovos das galinhas. É preciso, para os bichos, tramar uma Rebelião, entender que o inimigo anda em duas pernas e o amigo em quatro pernas ou possui asas; não viver como os homens em casa, dormir em cama com lençol, beber álcool, etc. Nesse sentido, estruturam-se os fundamentos da Rebelião, em que os animais não devem tiranizar outros animais, pois todos os animais são iguais.

Infelizmente, o Velho Major morre e seus pensamentos são organizados por 3 porcos (Napoleão, Bola de neve e Garganta) dentro de um Sistema, que eles denominam de Animalismo. O Sr. Jones, o dono da Granja, passa por dificuldades financeiras e se descuida da Granja, deixando os animais passarem fome e os açoita, por raiva de sua própria condição.

Um dia, os animais com tanta fome invadem o galpão da comida e Jones e seus peões chicoteavam os animais e estes se defenderam e colocaram os homens para fora da Granja e dominaram o terreno. Ocorre, portanto, a Revolução, aquela que o porco Major havia sonhado um dia, a tomada do poder pelos porcos e o mundo sem a tirania do homem.

Com a tomada do poder pelos Bichos, os porcos, que se intitulavam como os mais inteligentes, aprenderam a ler e a escrever, e mudaram o Nome da Granja, de Granja do Solar para Granja dos Bichos. Os animais destruíram tudo o que lembrava Jones, mantendo a Casa da Granja como um Museu, para lembrar como era a vida dos animais quando estavam sob o domínio do homem, para que os mesmos, visitando a casa-museu, jamais perdessem de vista a importância de estarem no poder e viverem como animais livres e iguais entre si.

O Sistema de Governo criado pelos animais, o Animalismo, era constituído por 7 Mandamentos, que foram escritos pelos porcos que possuíam a inteligência de ler e escrever (fato que foi possível com a utilização de livros de Jones encontrados na antiga casa do dono da Granja). São os 7 Mandamentos (ORWELL, 2002, p. 24):

Qualquer coisa que ande sobre duas pernas é inimigo;
O que ande sobre quatro pernas, ou tenha asas, é amigo;
Nenhum animal usará roupa;
Nenhum animal dormirá em cama;
Nenhum animal beberá álcool;
Nenhum animal matará outro animal;
Todos os animais são iguais;

Com o estabelecimento dos Mandamentos e a nova Ordem de governo, os bichos se organizaram no trabalho sempre com um porco no comando, que se declarava o mais inteligente da Granja. Aos domingos ocorriam Assembleias para organizar os afazeres da semana, organizaram comitês, como uma espécie de forma de Governo e outros animais aprenderam a ler, mas como nem todos conseguiram esta proeza, foi preciso reduzir os 7 Mandamentos a uma Máxima, que dizia: “Quatro pernas bom, duas pernas ruim”. Em outras palavras, a Máxima, a única Lei, a que todos os animais estavam submetidos era considerar que os animais eram bons (4 pernas) e o homem era ruim (2 pernas).

Como era de se esperar, a notícia da Rebelião correu toda a região e o Sr. Jones tentou recuperar a Granja em uma Batalha (Batalha do Estábulo), que ocorreu entre os homens e os Bichos, vencida pelos Bichos. Com a vitória, o poder dos animais aumentava, e os porcos ganhavam mais confiança à frente do poder da Granja. Um dos porcos, o Bola de Neve, esperando a atitude de Jones, antecipou ao combate e estudou artes de Guerra, o que mostra a competência de um Líder para comandar uma batalha e garantir a manutenção do poder. Bola de Neve e Napoleão, o outro porco, que estavam no comando da Granja, discutiam sobre a organização da Granja e o plantio, dispendo cada bicho em uma função. Mas os dois não concordavam entre si. Aos poucos, as Assembleias aos domingos foram abolidas, e o que ocorria era uma pré-determinação que era informada aos demais animais aos domingos.

Bola de Neve, querendo diminuir o trabalho dos bichos, propôs a construção de um moinho, o que levou à opinião contrária de Napoleão. Napoleão não concordava com esta ideia, pois não tinha sido proposta por ele. Para garantir o seu poder ele ataca Bola de Neve com a ajuda de um escolta de 9 cachorros, educados por ele mesmo, os quais expulsaram Bola de Neve da Granja e impuseram respeito a Napoleão: tais cachorros o serviam como servem aos homens.

Com isso, Napoleão assume o comando da Granja e nomeia um porco, o Garganta, como seu braço direito e lança mão da retórica para convencer os bichos sobre tudo o que ocorria na Granja, como sendo algo que deve ser assim. Tudo o que acontecia de grave na Granja, tal como a expulsão de Bola de Neve, era amenizado pela retórica de Garganta.

Napoleão, agora com a unificação do poder, decide construir o moinho, afirmando que a ideia era dele e tal tinha sido roubada por Bola de Neve, mostrando que este era um animal mau, corrompido, que não queria a prosperidade da Granja. Ele

toma, como primeira ordem, a diminuição da ração dos Bichos, porque a construção do moinho seria um trabalho árduo e precisaria de recursos. Nesse sentido, os bichos trabalham feito escravos e Napoleão impõe trabalho “voluntário” aos domingos à tarde, mas quem não trabalhava tinha a ração diminuída.

Com o tempo faltavam produtos para adubar o solo, ferramentas para o arado e para a construção do moinho. Napoleão decide comercializar com outras Granjas para obter dinheiro e, para isso, tinha como intermediário um Homem. Aqui, ocorre a *primeira corrupção* do poder: o contato amigável com o Homem (já que um dos sete mandamentos do Animalismo pregava que aquilo que anda em duas pernas é ruim).

Os Porcos passam a morar na Casa da Granja, alegando precisar de conforto por conta do trabalho árduo de intelectualidade, passam a dormir na cama (sem lençol), partindo para a *segunda corrupção*: dormir em cama (algo feito pelos homens). Nesse contexto, Napoleão passa a ser chamado de Líder.

Durante uma tempestade, o moinho que vinha sendo construído pelos animais veio abaixo por um forte vento e Napoleão, para garantir sua primazia no poder, culpa Bola de Neve, por estar contra a prosperidade da Granja e coloca todos os bichos contra ele e oferece recompensa por sua captura, vivo ou morto, procurando eliminar seu concorrente em potencial, temendo que ele voltasse para a Granja e convencesse os animais de que eles estavam vivendo em um espaço de tirania – algo que os animais, por serem menos inteligentes e passíveis de serem seduzidos pelas mentiras de Napoleão, não conseguiam compreender, não tinham consciência de sua situação, já que tudo aquilo que era dito por Napoleão era o correto a fazer, para a suposta prosperidade da Granja.

Além da queda do moinho, um forte inverno complica a produção da Granja e Napoleão, para garantir os recursos da Granja, exige 400 ovos por semana das Galinhas para comercializar e conseguir dinheiro. Obviamente, as galinhas fazem uma Greve, botando os ovos de cima dos caibros, quebrando os ovos – reprimidas por Napoleão, ficam sem comida e 9 morreram.

À noite, coisas estranhas aconteciam. Leite era derramado, ovos eram quebrados, e Napoleão culpava sempre Bola de Neve, forçando todos os animais a confessarem alguma relação com Bola de Neve ou qualquer feito que comprometesse os acordos ou a ordem da Granja. Todos que confessaram foram mortos. *Terceira corrupção*: nenhum animal pode matar outro animal (quebra de mais um dos

mandamentos). O curioso é que os animais confessavam ter uma relação com Bola de Neve mesmo sem ter qualquer contato; isso ocorria pelo medo da repressão.

A consequência da tirania de Napoleão atingia o efeito esperado por ele, pois todos os Bichos idolatram Napoleão como Líder, e ele garante a sua segurança reforçada por cachorros, temendo a qualquer momento um ataque.

No poder da Granja, Napoleão passa a comercializar os produtos feitos pelos animais com Granjas vizinhas, comandadas por Homens. Em um desses trâmites, o homem pagou os bichos com dinheiro falso, o que ocasionou uma Segunda Batalha. Nesta o moinho foi destruído, muitos animais morreram e outros ficaram feridos, mas os bichos conseguiram mais uma vez a vitória. Napoleão comemorou bebendo uísque e usando um Chapéu que era de Jones. *Quarta corrupção*: não beber álcool.

Com mais uma iniciativa para a prosperidade da Granja, Napoleão decide plantar cevada no local reservado para os animais aposentados. Novas Leis foram fixadas, como idade para aposentadoria dos animais, implementação de desfile em estilo militar para comemorar e lembrar a vitória nas batalhas. Com tudo isso, os porcos eram demasiadamente respeitados e se numa trilha outro bicho cruzassem com eles, este deveria dar passagem. Consequentemente, os bichos trabalhavam como escravos, mas a retórica de Garganta convencia estes de que isso era melhor do que a época de Jones. E, inevitavelmente, proclama-se a República: Napoleão é o Presidente (por unanimidade). Para comemorar a “nova prosperidade” da Granja, a nova forma de governo, os porcos comemoraram com muita bebida (característica típica dos homens).

Tempos se passaram, o Sr. Jones morreu, vários bichos morreram (sem a tão desejada e prometida aposentadoria). Os bichos mais novos sabiam da Revolução por tradição, a Granja estava melhor organizada com máquinas, moinho pronto, geração de dinheiro, comércio, mas os animais continuam a trabalhar sem descanso. Os porcos aprendem a andar em duas patas e, agora, Napoleão tem um Chicote – Quebra total da Máxima: “4 pernas bom, 2 pernas melhor”.

Os 7 Mandamentos foram reduzidos novamente a um: “Todos os animais são iguais, mas alguns animais são mais iguais que os outros”. Com isso, os Porcos começam a usar roupas, rádio, telefone, ler jornal e revistas, fumar cachimbo e a Granja prospera.

Numa ocasião de altos lucros, uma comissão de 6 granjeiros foi convidada a ver a prosperidade da Granja e a sentar à mesa com os porcos para beber e jogar baralho. Os homens propõem um brinde aos porcos: “Mais trabalho, com menos comida

(dinheiro)”. Os porcos fazem um brinde aos humanos: “Viva a Granja do Solar” (Retomada do Nome Original) – o que confirma a Corrupção total do princípio da Revolução: tudo voltou como era antes.

O brinde entre porcos e homens foi visto pelos bichos da Granja, que olhavam tudo pela Janela da casa.

Não haviam, porém, chegado sequer a vinte metros quando se detiveram entre o vozerio alto que vinha lá de dentro. Voltaram correndo e tornaram a espiar pela janela. De fato, era uma discussão violenta. Gritos, socos na mesa, olhares irados, furiosas negativas. A origem da briga, ao que parecia, fora o fato de Napoleão e o Sr. Pilkington terem, ao mesmo tempo, apresentado um ás de espadas.

Doze vezes gritavam, cheias de ódio, e eram todas iguais. Não havia dúvida, agora, quanto ao que sucedera à fisionomia dos porcos. As criaturas de fora olhavam de um porco para um homem, de um homem para um porco e de um porco para um homem outra vez; mas já era impossível distinguir quem era homem, quem era porco. (ORWELL, 2002, p. 117).

A conclusão da obra nos leva a crer que os bichos se organizaram para sair do estado de escravidão que se encontravam, tomando o poder e criando os Mandamentos dentro do Sistema Animalismo, onde todos os animais eram iguais. Os animais assumem o poder, e com a ambição do Líder os Mandamentos foram modificados de acordo com a necessidade deste Líder (traições, mentiras, mudanças de regras).

A busca pelo poder e pelo sucesso dá lugar à ambição descontrolada e à corrupção dos princípios, colocando os trabalhadores em escravidão, com a perda da Liberdade outrora afirmada como princípio (trabalho mal-remunerado, onde quem ganha é o patrão – comum ao capitalismo).

Numa visão política: por um lado, tinha-se uma espécie de ‘socialismo democrático’, uma igualdade; por outro, instaurou-se o capitalismo calcado no totalitarismo. Com isso, tem-se o Sucesso e o Fracasso: os porcos tiveram sucesso na conquista do poder com o fracasso de não serem mais porcos e sim homens; a ‘revolução traída’ mostra o fracasso na busca por uma organização onde falta o respeito pelos princípios.

Nesse sentido, podemos perceber que a obra mostra 3 momentos partindo da situação inicial, onde os animais estavam sob a tutela do poder humano: o primeiro momento é a Revolução organizada pelos Bichos; o segundo momento é o domínio da Granja com os Bichos no Poder; o terceiro momento é a Corrupção do poder por parte dos governantes (os porcos). Tendo em isso em vista, com estas primeiras conclusões

citadas acima, passaremos à segunda parte desta investigação para tentar compreender o aspecto político da obra.

2 Maquiavel e a Revolução dos Bichos

Filósofo italiano que escreve entre os séculos XV e XVI, Maquiavel possui como sua principal obra o escrito intitulado *O Príncipe*, um manual que ensina como deve o príncipe manter a ordem.

É comum lembrar-se de Maquiavel por conta dos termos a ele atribuídos: Maquiavélico e Maquiavelismo. Termos associados a: traiçoeiro, esperteza (astucioso), velhaco. Nesse sentido, ‘maquiavelismo’ associa-se ao ódio e serve a todos que se põem em disputa, fazendo parte da política, do discurso privado, do cotidiano das corporações.

O ‘maquiavelismo’ se liga à imoralidade, o jogo sujo e sem escrúpulos, algo que não poderia deixar de ser quando se ressalta a afirmação cabal de Maquiavel, em sua obra: “Os fins justificam os meios”. Expressão esta que afirma a posição do governante que deve lançar mão de todos os meios possíveis para manter a ordem, para manter suas promessas, sendo bom e mau ao mesmo tempo, sem que o povo perceba suas atitudes.

Maquiavel, dentro de seu discurso político, pode ser visto por duas perspectivas: 1) Conselhos ao Príncipe: meios de comandar o Estado e não perder o Poder; 2) Conselhos ao Povo: alerta o povo acerca da Tirania do Estado. Com isso, Maquiavel se enquadra na perspectiva de interpretação que queremos engendrar com a obra *Revolução dos Bichos*, uma vez que ao tomar o poder, os porcos da Granja do Solar fazem de tudo para se manter no poder, alterando os Mandamentos firmados na posse do comando da Granja, declinando e corrompendo os princípios do Sistema Animalismo, mostrando aos outros animais, por meio da retórica, que as mudanças são necessárias.

As alterações realizadas nos Mandamentos eram feitas “às escuras” em momentos cruciais da manutenção do poder, quando os 7 Mandamentos escritos na parede do Celeiro eram apagados e/ou modificados de acordo com a necessidade de manutenção da ordem. Como poucos animais sabiam ler, ficava difícil organizar um ‘motim’ para a derrubada do poder do Porco Napoleão.

A comparação da obra com os princípios da filosofia de Maquiavel, para nós, fica restrito à corrupção dos mandamentos assegurados pelo Animalismo, sistema de

governo da Granja do Solar, estabelecido pelos animais com os Porcos no poder, por serem os mais inteligentes. Ou seja, para a manutenção da ordem, os porcos alteravam os mandamentos e se corrompiam no poder, mas isso era necessário para atingir os fins propostos: a prosperidade da Granja. Portanto, “os fins justificam os meios”, é preciso fazer o que for preciso para atingir o fim, mesmo que o governante precise ser o mais maquiavélico possível.

No entanto, o que se torna relevante nesta interpretação é o ponto de vista de Maquiavel acerca de como o homem/governante deve se portar. E para isso, o filósofo lança mão de uma comparação com a força e a esperteza de certos animais, como o leão e a raposa.

[...] existem duas formas de se combater: uma, pelas leis, outra, pela força. A primeira é própria do homem; a segunda, dos animais. Como porém, muitas vezes a primeira não seja suficiente, é preciso recorrer à segunda. Ao príncipe torna-se necessário, porém, saber empregar convenientemente o animal e o homem. Isto foi ensinado à socapa aos príncipes, pelos antigos escritores, que relatam o que aconteceu com Aquiles e outros príncipes antigos, entregues aos cuidados do centauro Quiron, que os educou. É que isso (ter um preceptor metade animal e metade homem) significa que o príncipe sabe empregar uma e outra natureza. E uma sem a outra é a origem da instabilidade. Sendo, portanto, um príncipe obrigado a bem servir-se da natureza da besta, deve dela tirar as qualidades da raposa e do leão, pois este não tem defesa alguma contra os lações, e a raposa contra os lobos. Precisa, pois, ser raposa para conhecer os lações e leão para aterrorizar os lobos. Os que se fizerem unicamente de leões não serão bem sucedidos. (MAQUIAVEL, 1973, p. 79).

Isso no leva a crer que é preciso ser inteligente e forte ao mesmo tempo para garantir a ordem e o poder dentro do governo. Para Maquiavel, o príncipe deve se manter em sua palavra e promessa, mas se for preciso alterar a palavra ele deve proceder assim. Mas ao fazer isso, é preciso ser bastante inteligente perante a ordem estabelecida, pois, o Povo, que confiou em seu príncipe, não pode perceber as maldadas a serem empregadas pelo governante para a manutenção da ordem. No mesmo sentido, os Porcos, na *Revolução dos Bichos*, procediam na alteração dos Mandamentos para garantir o poder, e a alteração das leis eram feitas sem que os outros animais tivessem a consciência disso. Isso porque, caso os animais tomassem a consciência da corrupção por parte do líder, facilmente iriam promover uma nova revolução.

[...] de um lado, parecer ser efetivamente piedoso, fiel, humano, íntegro, religioso, e de outro, ter o ânimo de, sendo obrigado pelas circunstâncias a não o ser, tornar-se o contrário. E há de se entender o seguinte: que um príncipe, e especialmente um príncipe novo, não pode observar todas as coisas a que são obrigados os homens

considerados bons, sendo frequentemente forçado, para manter o governo, a agir contra a caridade, a fé, a humanidade, a religião. É necessário, por isso, que possua ânimo disposto a voltar-se para a direção a que os ventos e as variações da sorte o impelirem, e, como disse mais acima, não partir do bem, mas, podendo, saber entrar para o mal, se a isso estiver obrigado.

[...]

Procure, pois, um príncipe, vencer e conservar o Estado. Os meios que empregar serão sempre julgados honrosos e louvados por todos, porque o vulgo é levado pelas aparências e pelos resultados dos fatos consumados, e o mundo é constituído pelo vulgo, e não haverá lugar para a minoria se a maioria não tem onde se apoiar. (MAQUIAVEL, 1973, p. 80-81).

Com efeito, é mister um príncipe lançar mão de todos os meios para se atingir um fim e, ao mesmo tempo, alcançar o fim independente dos meios empregados, pois, o Povo não é inteligente o bastante para perceber as alterações, manifestação, e intenções do líder. Ainda assim, é preciso, para Maquiavel, garantir a ordem e o poder, mesmo que para isso o princípio precise ser mau, agir de má fé. Mas, tal príncipe, também pode ser bom, fiel, e, no entanto, em determinadas situações, cometer as mais terríveis atrocidades.

É nesse sentido, pois, que podemos interpretar a obra de George Orwell dentro da perspectiva de Maquiavel, tendo em vista as alterações das leis realizadas pelo líder Napoleão procurando manter o seu poder, independente de qualquer maldade a ser empregada na manutenção da ordem.

Assim, essa perspectiva mostra a possível atitude de um líder perante seu grupo que pode ser bom e mau ao mesmo tempo, dependendo da situação em que se encontra. Claro que um líder pode se guiar por Maquiavel em sua filosofia de governo que prega o poder na mão de um líder metamorfoseado em ‘centauro’: metade homem (inteligência) e metade animal (força).

Ou seja, na perspectiva maquiavélica, um líder deve ser homem e animal, deve ser inteligente e forte em suas decisões e comando para manter o poder e a liderança perante seu grupo. O líder deve ser leão e raposa no âmbito da gestão e comando de sua organização.

3 Rousseau e a Revolução dos Bichos

Rousseau é o Filósofo do ‘século das luzes’ (XVIII), do iluminismo Frances, período que mostra a sobrevalorização da razão e o apreço pela liberdade. Patrono da

Revolução Francesa (1789), Rousseau afirma a soberania do povo como condição primeira de sua própria liberdade. Entre suas obras, duas se destacam como sendo obras de âmbito político: *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens* (1755) e *Do contrato social* (1762). Tais escritos serão nossos parâmetros para discutir a obra de George Orwell.

O *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens* pode ser relacionado à obra “Revolução dos Bichos” quando consideramos que os Bichos, ao expulsarem Jones da Granja do Solar, tentam retomar seu estado de natureza, visando o bem comum e a igualdade. Mas isso não ocorre, pois os porcos já estabelecem, desde o início, que eles serão os ‘líderes da revolução’ e organizadores do trabalho comum. Na obra de Rousseau, o filósofo procura mostrar a trajetória hipotética do homem de sua condição de liberdade, no estado de natureza, até o surgimento da propriedade e os desastres que daí surgem, mas também aponta a construção de uma história hipotética da humanidade deixando de lado os fatos: legitimação da desigualdade quando o rico apresenta uma espécie de Pacto, um acordo.

Unamo-nos para defender os fracos da opressão, conter os ambiciosos e assegurar a cada um a posse daquilo que lhe pertence, instituímos regulamentos de justiça e de paz, aos quais todos sejam obrigados a conformar-se, que não abram exceção para ninguém e que, submetendo igualmente a deveres mútuos o poderoso e o fraco, reparem de certo modo os caprichos da fortuna. Numa palavra, em lugar de voltar nossas forças contra nós mesmos, reunamo-nos num poder supremo que nos governe segundo sábias leis, que protejam e defendam todos os membros da associação, expulsem os inimigos comuns e nos mantenham em concórdia eterna. (ROUSSEAU, 1973, p. 275)

Vê-se que a formação da sociedade nasce para a libertação dos mais fracos ao se subordinarem aos mais fortes, para a garantia da paz entre os indivíduos, procurando uma submissão a leis, deveres e direitos iguais uns perante os outros para a instituição de um governo, para que um indivíduo não utilize sua força contra o outro, mais sim reúna a sua força com a do próximo a fim de garantir a ordem da sociedade.

Fora preciso muito menos do que o equivalente desse discurso para arrastar homens grosseiros, fáceis de seduzir, [...] Todos correram ao encontro de seus grilhões, crendo assegurar sua liberdade [...] Tal foi ou deveu ser a origem da sociedade e das leis, que deram novos entraves ao fraco e novas forças ao rico, destruíram irremediavelmente a liberdade natural, fixaram para sempre a lei da propriedade e da desigualdade, fizeram de uma usurpação sagaz um direito irrevogável e, para proveito de alguns ambiciosos, sujeitaram doravante todo o gênero humano ao trabalho, à servidão e à miséria. (ROUSSEAU, 1973, p. 275-276)

Consequentemente, a formação da sociedade mostra, segundo Rousseau, que o mais fraco se aliena ao mais forte e mais rico e este garante novas forças, enquanto o pobre, o povo, que é fácil de se deixar enganar, escolhe a submissão e nomeia um líder supremo que garante a ordem e a proteção de sua sociedade. O que, posteriormente, irá revelar que a sociedade é a corrupção do indivíduo pelo poder.

A partir disso parte-se para o *Contrato*: estabelecer as condições de possibilidade de um pacto legítimo, em que, após perderem a liberdade natural, em troca ganham a liberdade civil – pois, agora, estão em sociedade, onde o povo deve ser o soberano, mas o Estado tentará sempre suprimir o povo e submetê-lo a seu poder.

O homem nasce livre, e por toda parte encontra-se a ferros. O que se crê senhor dos demais, não deixa de ser mais escravo do que eles. Como adveio tal mudança? Ignoro-o. O que poderá legitimá-la? Creio poder resolver esta questão. (ROUSSEAU, 1973, p. 28).

Nesse ponto, as Cláusulas do Contrato são uma só:

[...] quando bem compreendidas, reduzem-se todas a uma só: a alienação total de cada associado, com todos os seus direitos, à comunidade toda, porque, em primeiro lugar, cada um dando-se completamente, a condição é igual para todos e, sendo a condição igual para todos, ninguém se interessa por tornar onerosa para os demais. (ROUSSEAU, 1973, p. 38).

Com o *Pacto* ninguém sai prejudicado, uma vez que o corpo soberano oriundo do contrato controla o funcionamento da máquina política. Pode-se dar a liberdade civil, pois, as condições estão dadas, o povo soberano é parte ativa e passiva, cria leis e se submete a elas, podendo se configurar como um ser autônomo, agindo por si mesmo.

Conjuga-se, assim, a Liberdade e a obediência: obedecer a lei que se prescreve a si mesma é um ato de Liberdade, já que o povo somente será livre quando reunir as condições para elaborar suas leis ‘num pé’ de igualdade, em que cada um obedece a lei e se submete a ela, uma submissão de si e cada um, como parte do poder soberano. Tal submissão é à vontade geral e não somente a um único indivíduo do grupo.

Isso ocorre na *Revolução dos Bichos*, o que também irá culminar em Thomas Hobbes no estado de natureza selvagem, pois buscou-se a igualdade, mas houve um líder que buscou a soberania, o poder, e o povo se submeteu às leis, entretanto se encontraram em pé de desigualdade e guerra entre eles. As consequências do Pacto se estendem ao Governo que deverá garanti-lo, mas o que ocorre é a tentativa de subjugar o povo ao comando do Estado, o que acarretará na perda da liberdade.

No mesmo sentido, isso também ocorreu na *Revolução dos Bichos*, onde os porcos propuseram a igualdade, modificaram a forma de poder (Do homem para os Animais), assumiram o comando, e quando estavam no poder, submeteram os animais às leis criadas pelos porcos – os Animais reuniram suas forças para expulsar Jones e para se auto-organizar.

[...] como os homens não podem engendrar novas forças, mas somente unir e orientar as já existentes não têm eles outro meio de conservar-se senão formando, por agregação, um conjunto de forças que possa sobrepujar a resistência, impelindo-as para um só móvel, levando-as a operar em concerto. (ROUSSEAU, 1973, p. 37-38).

Torna-se um Pacto! Na *Revolução dos Bichos*, os animais reúnem suas forças para expulsar Jones e formar um governo, um Sistema de Governo calcado no Sistema do Animalismo, em que todos os animais eram iguais a si mesmos. Era preciso seguir esta máxima de igualdade, e o sistema de governo dos animais começou com Assembleias, mas terminou por Ordens pré-estabelecidas. Do mesmo modo, na filosofia política de Rousseau:

Assim como a vontade particular age sem cessar contra a vontade geral, o Governo despense um esforço contínuo contra a soberania. Quanto mais esse esforço aumenta, tanto mais se altera a constituição e, como não há outra vontade do corpo que, resistindo à do príncipe, estabeleça equilíbrio com ela, cedo ou tarde acontece que o príncipe oprime, afinal, o soberano e rompe o tratado social. Reside aí o vício inerente que, desde o nascimento do corpo político, tende sem cessar a destruí-lo, assim como a velhice e a morte destroem, por fim, o corpo do homem. (ROUSSEAU, 1973, p. 105).

Retomando o final da obra de Orwell, pode-se perceber o ponto da crise de poder pelo qual os animais subordinados aos porcos passam, encarando a situação de ver novamente o mundo em que eles viviam antes da revolução, um mundo de soberania, com falta de liberdade, castigos e infelicidade.

Doze vezes gritavam, cheias de ódio, e eram todas iguais. Não havia dúvida, agora, quanto ao que sucedera à fisionomia dos porcos. As criaturas de fora olhavam de um porco para um homem, de um homem para um porco e de um porco para um homem outra vez; mas já era impossível distinguir quem era homem, quem era porco. (ORWELL, 2002, p. 117).

A tomada de poder por parte dos animais na Revolução com a configuração de um líder no comando, e a sonhada liberdade prevista com a volta ao estado de natureza, onde todos os animais seriam iguais entre – assegurados, no entanto, por um sistema de

governo (o Animalismo) – é derrubado com a corrupção do poder por parte dos porcos, que declinaram na constituição dos mandamentos e na derrubada da máxima. Os porcos se tornaram homens, e o estado de natureza fictício dos animais é derrubado em vista de uma sociedade tal qual era antes da revolução.

De fato, Rousseau tinha razão em afirmar que o ‘homem nasce bom, mas a sociedade o corrompe’. O que fica claro na obra de Orwell, pois, os Porcos assumiram o poder, formaram uma sociedade, mas a ganância pelo poder, pela ordem, pela prosperidade da Granja, os levou a deturpar a própria ordem e, conseqüentemente, o poder. O que causou uma revolução traída, uma vez que o intuito da revolução era a busca da paz e da igualdade entre os animais, o que não ocorreu.

4 Hobbes e a Revolução dos Bichos

Filósofo inglês de origem pobre, mas que conviveu de perto com a nobreza, que financiou os seus estudos. Hobbes viveu na época do Poder Absoluto e estabeleceu sua filosofia dentro da característica *Contratualista*: a origem do Estado está no Contrato entre os homens, que vivem antes num Estado de Natureza, sem organização ou poder e, pelo Contrato (Pacto), os homens estabelecem regras de convívio social e subordinação política.

Nesse âmbito, Hobbes escreve, entre outras obras, o escrito *De Cive* (1640) e *Leviatã* (1651), obras que tratam do aspecto político-social de formação do Estado e relação dos homens uns com os outros.

Para falar de Hobbes e a obra *Revolução dos Bichos*, é preciso retomar, primeiramente, o contexto da obra e dividi-la em 3 momentos, que se caracterizam da seguinte forma: 1) *Sr. Jones e os Animais* (Rousseau): vivem numa sociedade em que os animais são os subordinados, escravos e revoltados com a situação; 2) *Animais expulsam Sr. Jones* (Hobbes): animais se organizam, cada um em sua função natural, mas há um líder a que todos seguem e obedecem para garantir sua proteção; 3) *Círculo vicioso* (Rousseau – Hobbes – Rousseau): Sr. Jones e os animais em uma sociedade corrompida; animais em igualdade; porcos e os animais em uma sociedade corrompida.

Com esta suposta divisão, vemos que é possível interpretar a obra *Revolução dos Bichos* considerando o escrito *Leviatã*, que mostra a guerra de todos contra todos dentro do Estado de Natureza, com subordinação dos homens uns aos outros pelo medo e a

procura de Paz (Sociedade) culminando no Pacto social (Contrato) e no poder Absoluto do Soberano. Tal como vimos na primeira obra, os animais eram iguais uns aos outros

A natureza fez os homens tão iguais, quanto às faculdades do corpo e do espírito, que, embora, por vezes se encontre um homem manifestamente mais forte de corpo, ou de espírito mais vivo que outro, mesmo assim, quando se considera tudo isso em conjunto, a diferença entre um e outro homem não é suficientemente considerável para que qualquer um possa com base nela reclamar qualquer benefício a que outro não possa também aspirar, tal como ele. Porque quanto à força corporal o mais fraco tem força suficiente para matar o mais forte, quer por secreta maquinação, quer aliando-se com outros que se encontrem ameaçados pelo mesmo perigo. (HOBBS, 1983, p. 74).

A Igualdade leva os homens a antecipar o que o outro está pensando, pois ele não sabe como o outro vai agir e o outro não sabe como este vai agir ou reagir, e a consequência é atacar e se proteger (Guerra Generalizada). Nesse ponto, o homem sente poderoso, perseguido e traído. Para que reine a Paz entre os homens, segundo Hobbes, a solução para o estado de guerra, onde existe a desconfiança, é subjugar-se ao poder do mais forte para garantir a sua proteção, mas com a perda de sua liberdade.

E contra esta desconfiança de uns em relação aos outros, nenhuma maneira de se garantir é tão razoável como a antecipação; isto é, pela força ou pela astúcia, subjugar as pessoas de todos os homens que puder, durante o tempo necessário para chegar ao momento em que não seja qualquer outro poder suficientemente grande para ameaça-lo. E isto não é mais do que sua própria conservação exige, conforme é geralmente admitido. Também por causa de alguns que, comprazendo-se em contemplar seu próprio poder nos atos de conquista, levam estes atos mais longe do que sua segurança exige, se outros que, do contrário, se contentariam em manter-se tranquilamente dentro de modestos limites, não aumentarem seu poder por meio de invasões, eles serão incapazes de subsistir durante muito tempo, se se limitarem apenas a uma atitude de defesa. Consequentemente esse aumento do domínio sobre os homens, sendo necessário para a conservação de cada um, deve ser por todos admitido. (HOBBS, 1983, p. 75).

O subjugar leva à garantia do Respeito entre os homens subjugados e seu soberano que garante a proteção e o próprio respeito, uma vez que no estado de natureza o homem tem direito a tudo.

O *direito de natureza*, a que os autores geralmente chamam *jus naturale*, é a liberdade que cada homem possui de usar seu próprio poder, da maneira que quiser, para a preservação de sua própria natureza, ou seja, de sua vida; e consequentemente de fazer tudo aquilo que seu próprio julgamento e razão lhe indiquem como meios adequados a esse fim. (HOBBS, 1983, p. 78, grifo do autor).

Não há segurança e nem paz, há medo, anarquia e angústia, predominam os interesses de cada um e os homens entram em guerra (“Homem é o lobo do Homem”), e estando em guerra o homem reconhece que é necessário renunciar seu direito em favor da paz e se subordina uns aos outros para formar uma sociedade organizada com leis – surge o *Pacto* (Contrato).

O Pacto ou Contrato é o momento em que todos abdicam de suas vontades em favor de um homem como seu representante e como o Homem não é, para Hobbes, sociável no estado de natureza, ele o será no estado civil, por artifício, por estabelecimento do Contrato. O medo e o desejo de Paz levam os homens a fundarem o estado social e político, abdicando de seus direitos na obediência de um soberano; nasce, agora, o Estado.

Diz-se que um Estado foi *instituído* quando uma *multidão* de homens concordam e *pactuam, cada um com cada um dos outros*, que a qualquer *homem* ou *assembleia de homens* a quem seja atribuído pela maioria o *direito de representar* a pessoa de todos eles (ou seja, de ser seu *representante*), todos sem exceção, tanto os que *votaram a favor dele* como os que *votaram contra ele*, deverão *autorizar* todos os atos e decisões desse homem ou assembleia de homens, tal como se fossem seus próprios atos e decisões, a fim de viverem em paz uns com os outros e serem protegidos dos restantes homens. (HOBBS, 1983, p. 107, grifo do autor).

Aproximando a posição de Hobbes à *Revolução dos Bichos* vê-se que os Animais queriam se organizar em sociedade igualitária, mas houve a representação dos Porcos. Os animais cederam seus direitos para garantir a Paz entre eles e para serem respeitados entre iguais. Mas o que houve, de fato, foi a corrupção do poder e a imposição da tirania sobre os outros animais. A sociedade criada pelos animais com o poder regido pelos porcos (soberano) não garantiu a paz e a harmonia, e sim trouxe a guerra de todos contra todos. Houve um retrocesso ao estado de natureza selvagem denunciado por Hobbes, quando deveria ser, do ponto de vista de Rousseau, a retomada do estado de natureza, onde o homem é bom. Ou seja, quando os animais tomaram o poder do Sr. Jones, eles buscavam voltar ao estado de natureza, mas o domínio de um líder os colocaram perante uma sociedade que corrompe o poder.

Neste ponto de vista, temos, por um lado, a revolução dos animais procurando voltar ao estado de natureza, como um estado em que todos são iguais e vivem em paz uns com os outros. Aqui, o estado de natureza conquistado pelos animais com a vitória na revolução e derrubada do Sr. Jones (o dono da Granja), compara-se ao suposto estado de natureza idealizado por Rousseau, no sentido de ser o momento em que todos vivem

em harmonia. Ao passo que, do lado oposto, o retrocesso ao estado de natureza pode ser comparado com o estado natural pressuposto por Hobbes, em que os indivíduos vivem em constantes maquinações uns contra os outros, com medo e sempre na prevenção de um ataque. Assim, é preciso proceder às subordinações e à alienação de sua liberdade pela proteção de um ser mais forte ou grupo de indivíduos em reunião para se manterem vivos. Para Hobbes, a formação do grupo dava-se pelo Contrato em ceder um a liberdade ao outro em troca de proteção, formando-se, posteriormente o Estado (governo). No mesmo sentido, para Rousseau, a formação do governo implicava em formação de uma sociedade, o que leva à criação de um governo e, conseqüentemente, o destaque de um governante e, posteriormente, a corrupção dos indivíduos dentro da sociedade e as disputas pelo poder.

Vê-se, portanto, que há na obra *Revolução dos Bichos*, perspectivas políticas que podem ser aproximadas das filosofias de Maquiavel, Hobbes e Rousseau. Em especial, entre Hobbes e Rousseau, há uma aproximação mais estreita, pois ambos possuem a concepção contratualista de sociedade, o que condiz bastante bem com a proposta da obra de Orwell. Rousseau e Hobbes possuem pontos de vistas antagônicos acerca da formação da sociedade e seu governo, já que para Rousseau, o homem é bom no estado de natureza, mas seria mau e corruptível em sociedade, ao passo que, para Hobbes, o homem é mau no estado de natureza e seria bom no estado civil, pela ordem estabelecida saindo de um estado de guerra de todos contra todos.

Com isso, é possível dizer que na obra de Orwell há um ciclo vicioso entre as duas concepções de Hobbes e Rousseau, dentro do nosso ponto de vista de interpretação: há uma sociedade de maus tratos e constante rebelião enquanto o Sr. Jones tem o poder da Granja – este estado seria um estado de Guerra. Foi preciso uma derrubada do poder para voltar ao estado de natureza, característico de Rousseau, pois, neste momento de volta, os animais se colocaram em harmonia e como iguais a si mesmos. Posteriormente, com a formação da sociedade, tem-se: uma sociedade liderada pelo governo do mais forte, em que os indivíduos se subordinam para comando e proteção (com os porcos no poder) – característica de Hobbes – e o poder que vai se corrompendo com o comando da Granja pelos porcos, declinando em uma corrupção da ordem – característica de Rousseau – voltando mais uma vez ao estado de possível guerra de todos contra todos – mais uma vez Hobbes.

Ou seja, há um momento hobbesiano que é transformado em momento rousseauiano e, depois, um retrocesso a outro momento hobbesiano, com pequenos

momentos maquiavélicos, por conta da corrupção dos mandamentos aferidos como leis para a união dos animais. Temos, assim, um círculo vicioso na obra de Orwell em vista da característica política da obra, tendo como premissa a interpretação da obra proposta neste artigo.

Considerações Finais

As possíveis conclusões da interpretação da obra *Revolução dos Bichos* com pontos de vista da Filosofia para o Administrador, podem ser reunidas da seguinte forma: Bola de Neve tinha uma visão de igualdade e queria zelar pelos princípios garantindo ao grupo um trabalho moderado, com descanso e lazer, liberdade e debates sobre as decisões. Já Napoleão visava o Poder Soberano e a Prosperidade da Granja em detrimento da liberdade de cada indivíduo que construía tal situação. Ocorreu, por parte de Napoleão, a quebra dos Mandamentos. Ocorreu, por um lado, o Sucesso de Napoleão e a prosperidade da Granja. Mas, ocorreu, ao mesmo tempo, o Fracasso do princípio da Revolução.

Um Líder deve seguir os princípios estabelecidos e zelar pelas ações do grupo em detrimento de sua vontade particular, ou seja, zelar pela vontade do grupo. Sempre será possível modificar a estratégia, desde que isso seja adequado ao sucesso do grupo, e tal modificação deve ser acertada com o grupo, mesmo que a mudança ‘parta’ do próprio Líder.

Mesmo que a Granja do Solar tenha obtido a prosperidade com uma nova organização (dos Bichos), os princípios foram corrompidos pensando somente no Sucesso individual do Porco Napoleão, que buscava o poder e não media esforços para conquistá-lo. Deixou-se de lado a harmonia e o respeito pelo outro no âmbito do trabalho para a construção da prosperidade do empreendimento.

Portanto, o que fica evidente para nós é que na busca pelo Sucesso deve-se considerar a possibilidade do Fracasso, e no engendramento das estratégias de mercado para conseguir o êxito da conquista é necessário planejar e constituir meios e princípios que compreendam o respeito pela organização, sem esquecer que o trabalho é configurado por relações e as relações são constituídas por mais de um indivíduo, o que leva ao trabalho em grupo sem quebra de princípios estabelecidos pelo mesmo.

Referências

HOBBS, T. de M. **Leviatã ou matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil**. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Coleção Os Pensadores).

MAQUIAVEL, N. **O Príncipe**. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Coleção Os Pensadores, IX).

ORWELL, G. **A revolução dos bichos**. 2. ed. São Paulo: Globo, 2002.

ROUSSEAU, J. J. **Do contrato social ou princípios do direito político**. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Coleção Os Pensadores, XXIV).

_____. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Coleção Os Pensadores, XXIV).

WEFFORT, F. C. (Org.). **Os clássicos da política**. 13. ed. São Paulo: Ática, 2003. V. 1.